

# O que é um Signo? (1894)

Ana Maria Guimarães Jorge

## Resumo:

### O autor expõe, com uso de exemplos

cotidianos, as bases de três estados da mente, sentimento, reação e lei, enfatizando suas misturas para se alcançar aprendizados e adquirir conhecimento. Encaminha-se para os três tipos de signos, sob processo de representação: semelhança, ou ícone, índice e símbolo com exemplos na fotografia, mapas, exemplos de linguagem não verbal e verbal e a estruturação das línguas. Especificamente, sustenta que a experiência prévia conecta o entendimento da idéia ligado às palavras.

## Palavras-chave:

ícone, índice, símbolo, semiótica

## Abstract:

### The author gives daily examples

about three states of mind, feeling, reaction and law, emphasizing its mixtures to reach learning and to acquire knowledge. He explains about three kinds of signs, under representation process, likeness, or icon, index and symbol with examples in the photograph, maps, examples of not verbal and verbal language and structure of the languages. Specifically, it supports that the previous experience connects the ideas to words.

## Keywords:

icon, index, symbol, semiotics.

(Tradução de Ana Maria Guimarães Jorge)

## Notas Iniciais

Tradução do texto "What is a Sign?", de 1894, do autor Charles Sanders Peirce (1839-1914)



O "What is a Sign?", do autor Charles Sanders Peirce (1839-1914) foi escrito em 1894 em um texto produzido na etapa de transição entre a primeira série (1891-93) do "The Monist Metaphysical Series", com cinco artigos, e a segunda denominada "Algebra and Schröder's Logic of the Relatives" (1896-97). Nessa etapa produtiva, o autor expande a idéia de que as qualidades do mundo exercem efeito sobre a consciência, nesse caso humana, e há fenômenos que insistem em existir, podendo persistir na formação de regularidades, ou melhor, de sistemas representantes das suas leis de comportamento.

No texto são expostos exemplos cotidianos que se dão sob as bases de três estados da mente, sentimento, reação e lei, bem como em suas misturas, rumando à aquisição de conhecimento. Esses três estados da mente se enunciam como bases para os três tipos de signos do processo de representação humano: semelhança, ou ícone, índice e símbolo. O autor aponta para o fato de que a "experiência prévia conecta o entendimento da idéia ligado às palavras". Há de se observar que o autor muitas vezes e ainda se utiliza do termo semelhança na relação do signo com o objeto, acepção que será posteriormente subsumida pelo termo ícone.

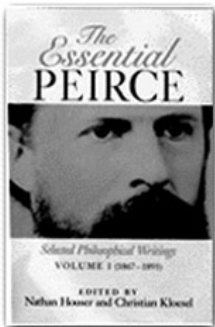
A relevância desse artigo, por conseqüência sua tradução, está na idéia de junção da ação cotidiana humana com os modos de representação das facetas desse objeto pelo signo, princípios da união do pragmatismo com a semiótica peirceana. Logo em seguida, após 1900, Peirce desenvolve sua teoria dos signos, em particular na teoria dos interpretantes, especialmente dos interpretantes lógicos, ligando e

mesmo unificando o pragmatismo com a teoria dos signos. Sob outro viés, prenuncia-se a idéia de que qualidade é um fenômeno originalmente monádico e que lei tem o poder de gerar ordens triádicas, sem desconsiderar a característica singular dos fenômenos que agem e reagem no universo. Assim, qualidade, existente e lei são modos interdependentes de identificação semiótica dentro de um só e mesmo fenômeno.

## O que é um Signo? (1894)

Charles Sanders Peirce

(Tradução de Ana Maria Guimarães Jorge)



Questão extremamente relevante é: todo raciocínio é uma interpretação de signos de algum tipo, no entanto, é uma questão difícil que exige profunda reflexão<sup>1</sup>. É necessário identificar três estados da mente. Primeiro, imagine uma pessoa em estado de sonolência. Vamos supor que ela não esteja ao menos pensando

em uma cor vermelha. Ao menos está pensando sobre ela, ou indagando ou respondendo qualquer questão sobre ela, nem mesmo se dizendo satisfeito com isso, mas somente a contemplando, como sua imaginação a apresenta. Quando ele se cansar do vermelho, irá trocá-lo por outras cores – um azul turquesa, – ou uma cor rosada, - mesmo se ele o fizer, estará sob o jogo da imaginação sem qualquer razão ou compulsão. Isso está próximo do que se pode chamar de um estado da mente em que algo está presente, sem compulsão ou razão, chamado Sentimento. Exceto no momento inicial de vigília, ninguém realmente está em um estado de sentimento pura e simplesmente. Todavia, [neste caso] em nenhum momento estamos conscientes, algo é presente à mente, e o que está presente, sem referência a qualquer compulsão ou razão, é o sentimento.

Segundo ponto, imagine nosso dorminhoco [sonhador] de repente ouvindo um assobio alto e prolongado. No instante em que se inicia, ele é acordado. Ele instintivamente tenta evitar ouvi-lo, tapando os ouvidos com as mãos. Sem conseguir, o assobio se força sobre ele. A resistência instintiva é parte relevante da experiência: o homem não estaria sensível a ela se sua vontade não fosse

frustrada, se ele não tivesse uma insistência o atormentando. O mesmo acontece quando exercemos força contra uma resistência externa, exceto pela resistência, nós não teríamos algo sobre o que exercer força. Esse sentido de ação, e de ser afetado por, é o nosso sentido da realidade das coisas, - de coisas externas ou em nós, - pode ser chamado de o sentido da Reação. Ele não reside em qualquer Sentimento, impõe-se no rompimento de um sentimento por outro sentimento. Essencialmente, ele envolve duas coisas que agem sobre uma outra.

Terceiro, vamos imaginar que nosso dorminhoco [sonhador] agora consciente, incapaz de impedir o som cortante, mova-se em direção à porta e ele irá supor ter sido aberta por corrente de ar, o que produziu um som pelas frestas. Mas no instante em que ele abre a porta vamos pensar que o som pare. Aliviado, ele pensa em voltar a se sentar, então, fecha a porta novamente. Logo depois o barulho recomeça. Ele se pergunta, será que a porta fechada estaria causando aquilo, e uma vez mais abre a misteriosa porta. Ele a abre e o som cessa. Ele está agora sob o terceiro estado da mente: está pensando. Isto é, ele está consciente do aprendizado, ou de passar por um processo pelo qual um fenômeno é governado por uma lei, ou tem um modo geral de entendimento do acontecimento. Ele entende que uma ação é o resultado, ou meio, que causa outro resultado. Esse terceiro estado da mente é inteiramente diferente daqueles dois. No segundo havia somente um sentido de força bruta, agora há um sentido de instauração de uma lei geral. Na Reação, somente duas coisas estão envolvidas, mas na instauração de regras há uma terceira que é o significado rumo ao fim. O sentido da palavra significado é alguma coisa que está no meio entre outras duas. Mais do que isso, esse terceiro estado da mente, ou Pensamento, é o sentido de aprendizado, e o caminho pelo qual passamos da ignorância ao conhecimento. O mais rudimentar sentido de Reação envolve dois estados de Sentimento, por conseqüência será visto que o mais rudimentar Pensamento envolve três estados de Sentimento.

Como avançamos no tema, nessas idéias, que parecem confusas em nossa primeira observação sobre elas, elas irão se delinear mais e mais distintamente e sua grande importância será forçada sobre nossas mentes.

2. Há três tipos de interesse que podemos ver em uma coisa. Primeiro, podemos ter um inicial interesse por ela mesma. Segundo, podemos ter um secundário interesse sobre ela devido às suas reações com outras coisas. Terceiro, podemos ter um interesse mediado sobre ela, pelo que se sabe expressa à mente uma idéia sobre uma coisa. Desse modo, é um signo, ou o mesmo que representação.

3. Há três tipos de signos. Primeiro, há a semelhança, ou ícones, que expressam idéias das coisas que eles representam simplesmente por imitá-las. Segundo, há indícios, ou índices, que mostram algo sobre as coisas, atualizam-se sendo fisicamente conectados a elas. Tal qual uma sinalização, que indica a direção do fluxo de uma rua, ou um pronome relativo, que é colocado justamente depois do nome das coisas que se pretende sejam denotadas, ou uma exclamação de vocativo, como "Oi, você aí!", que age sobre os nervos da pessoa que a ouve com uma força a chamar sua atenção. Terceiro, há símbolos, ou coisas gerais, que se vêem associadas com seus significados de uso. Tais são as palavras e frases, e diálogos, e livros, e livrarias.

Deixe-nos considerar a diversidade de usos desses três tipos de signos mais detalhadamente.

4. Semelhanças ou Similaridades. Fotografias, especialmente fotografias instantâneas, são muito instrutivas, porque vemos que há certas características exatamente iguais às que elas representam. Entretanto, sua semelhança é devido às fotografias terem sido produzidas sob tais circunstâncias que foram forçadas a corresponder inteiramente a sua natureza. Naquele aspecto, então, pertence a uma segunda classe de signos, aquela da conexão física. O caso é diferente se eu admitir que zebras são aparentemente obstinadas, ou de outro modo animais sem atrativos, porque elas parecem ter uma semelhança geral com mulas, e mulas são voluntariosas. Aqui a mula precisamente reforça uma provável semelhança com a zebra. Isso é verdadeiro ao se supor que a semelhança tem uma causa física na hereditariedade, mas então essa afinidade hereditária é ela mesma somente uma inferência das semelhanças entre os dois animais, e nós não temos (como no caso da fotografia) qualquer conhecimento independente das

circunstâncias da produção das duas espécies. Outro exemplo do uso de uma semelhança é o desenho de uma estátua por um artista, composição pictórica, elevação arquitetônica, ou parte da decoração, pela contemplação dos mesmos e na possibilidade daquilo que se propõe ele pode vislumbrar o que será belo e satisfatório. A questão indagada é então respondida quase com certeza porque ela se relaciona a como o artista ele mesmo será afetado pela experiência. O raciocínio dos matemáticos será encontrado alterando em parte o uso de semelhanças que são necessárias e fornecem reais suportes a sua ciência. Para os matemáticos, a utilidade das semelhanças consiste em sugerir, de um modo preciso, novos aspectos dos estados supostos das coisas. Por exemplo, suponha uma linha curva com pontos contínuos onde a curvatura muda sua direção circular horária e de modo oposto como na figura 1. Vamos também supor que essa curvatura é contínua até que se cruzem todos os pontos do ângulo invertido noutro ponto. O resultado aparece na figura 2. Pode ser descrito como um número de formas ovais completas e juntas, como se por pressão. Não se perceberia que as descrições da primeira e da segunda seriam equivalentes sem as figuras. Devemos perceber que novamente quando nos direcionamos ao tema, aqueles diferentes usos das semelhanças podem ser trazidos sob uma fórmula geral.



Fig. 1



Fig. 2

Na comunicação entre indivíduos, semelhança é indispensável. Imagine dois homens que não sabem falar de modo comum, suposição remota frente ao restante da raça. Eles devem se comunicar, mas como fariam isso? Por sons imitativos, por gestos imitativos, ou por

desenhos. Esses são três tipos de semelhanças. É certo que eles usarão outros tipos de signos, sinais com as mãos, ou algo parecido. No entanto, depois de tudo, a semelhança será o único significado da descrição das qualidades das coisas e das ações que eles terão em mente. A linguagem rudimentar, quando os homens começam a falar uns com os outros, deve ser também geralmente baseada em palavras imitativas, ou a nomes convencionados que eles atribuem aos desenhos. A linguagem egípcia é excessivamente rudimentar. Como nós sabemos, ela foi a mais antiga a ser escrita e a escrita era toda em desenhos. Alguns desses desenhos vêm se estruturar a partir dos sons – letras e sílabas. Todavia, outros se formam diretamente de idéias. Não há nomes, nem verbos, eles são somente idéias pictóricas.

5. Indicadores. No entanto, imagens sozinhas, - pura similaridade -, não podem nunca expressar a menor informação. Então, a figura 3 sugere um objeto circular. Mas deixa o espectador incerto se é uma cópia ou algo existindo atualmente ou um mero jogo da imaginação. O mesmo é verdadeiro de uma linguagem geral e de todos os símbolos. A combinação de palavras pode não expressar a menor informação (exceto nomes próprios e na ausência de gestos ou outros indicativos concomitantes de fala). Isso pode parecer paradoxal, mas a seqüência imaginária de um mínimo diálogo mostrará como isso é verdadeiro.

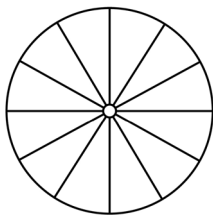


Fig. 3

Dois homens, A e B se encontram numa estrada do país quando a seqüência de diálogo acontece.

B. O dono daquela casa é o homem mais rico desses lados.

A. Qual casa?

B. Por que você não olha à sua direita, sete quilômetros adiante, sobre uma montanha?

A. Sim, penso que posso descrevê-la.

B. Muito bem, aquela é a casa.

Então, A adquiriu informação. Mas se ele caminha para uma distante vila e diz “o dono de uma casa é o mais rico homem desses lados”, a declaração

se referirá a nada, a menos que ele explique a seus interlocutores como proceder de onde ele está em razão de encontrar aquele estado e aquela casa. Sem aquilo, ele não indicará sobre o que está falando. Para identificar um objeto, nós geralmente declaramos sua localização e tempo estabelecidos, e em todo caso podemos mostrar como uma experiência dele pode ser conectada com a experiência prévia de quem ouve. Para estabelecer um tempo, nós devemos considerar uma época conhecida, - mesmo o presente momento, ou o aniversário datado de Cristo, ou algo dessa espécie. Quando dizemos que a época deve ser conhecida, significa que deve ser conectada com a experiência de quem ouve. Devemos também considerá-la em unidades de tempo e não há modo de se fazer conhecida a unidade que propomos usar a não ser com apelo à experiência de quem ouve. Então, nenhum lugar pode ser descrito, exceto em relação a algum lugar conhecido, e a unidade de distância deve ser definida em referência a alguma medida ou objeto que as pessoas eventualmente possam usar diretamente ou indiretamente na medição [measurement]. É verdade que um mapa é muito útil ao designar um lugar e um mapa é uma espécie de desenho. Mas a menos que um mapa carregue uma marca de uma localidade conhecida, e a escala de milhas, e a direção, ele nada mostra se não o lugar de uma localidade como no mapa de *Gulliver's Travels* se mostra a localização de Brobdingnag<sup>2</sup>. É verdade que se uma nova ilha for encontrada, digo, nos mares do Ártico, sua localização poderia ser aproximadamente mostrada em um mapa que não tivesse letras escritas, ou meridianos, ou paralelas, para a marcação usual de Iceland, Nova Zemla, Greenland, etc., servindo para destinar a posição. Em tal caso, deveríamos nos valer de nosso conhecimento de que não há um segundo lugar qualquer existente sobre a terra que seja igual para que se faça um mapa com marcações iguais àquelas das terras do

## Ártico.

Vivemos essa experiência de mundo ao representar no mapa algo mais do que um mero ícone e conferir a ele características adicionais de um índice. Então, é verdade que um e o mesmo signo pode ser ao mesmo tempo uma semelhança e um indicador. Ainda, as funções dessas classes de signos são totalmente diferentes. Pode ser observado que semelhanças tanto quanto índices<sup>3</sup> são fundados na experiência, que uma imagem do vermelho é insignificante para um cego, como é o caso da paixão erótica para uma criança. Entretanto, há reais objeções que ajudam na distinção, para eles não há experiência, mas a 'capacidade para a experiência' que eles mostram é requisito para a semelhança; e esse é o requisito, não pelo motivo de que a semelhança deveria ser interpretada, mas pela razão de que ela deveria estar ao todo dada aos sentidos. Muito diferente é o caso da não experiência e da experiência por meio da qual uma pessoa encontra um mesmo homem e conta as mesmas coisas, o que indica algo para o homem que experienciou o todo da história, mas se não houver aquela experiência prévia nada se revelará.

Vamos examinar alguns exemplos de índices. Eu vejo um homem com um jeito de andar. Isso é uma provável indicação de que ele seja um marinheiro. Vejo um homem de pernas arqueadas em calças caneladas, botinas, e uma jaqueta. Há prováveis indicações de que ele seja um jóquei ou algo dessa espécie. Um cata-vento indica a direção do vento. A observação do sol ou um relógio indicam a hora do dia. Geômetras colocam letras opostas em diferentes partes de seus diagramas e então usam aquelas letras para indicar aquelas partes. Letras são similarmente usadas por advogados e outros. Então, podemos dizer: Se A e B estão casados e C é seu filho enquanto D é irmão de A, então, D é tio de C. Aqui A, B, C e D completam a função de pronomes relativos, mas são mais convenientes porque não requerem nenhuma disposição especial das palavras. Uma batida na porta é uma indicação. Qualquer coisa que força atenção é uma indicação. Qualquer coisa que nos alerta é uma indicação, à medida que ela marca a junção de duas partes da experiência. Então, um tremendo raio indica que alguma coisa considerável aconteceu, mesmo assim podemos não saber precisamente qual evento aconteceu. No entanto, pode ser esperado conectá-lo

a algumas outras experiências.

6. Símbolos. A palavra símbolo tem tantos significados que seria uma problema à linguagem adicionar mais um. Eu não penso que atribuo a ela aquele sentido de um signo convencional, ou um relacionado a um hábito (adquirido ou inato), seja ao todo um novo significado como é dado o significado original. Etimologicamente, deveria significar uma coisa lançada simultaneamente, tal qual  $\epsilon\mu\beta\omicron\lambda\omicron\nu$  é uma coisa lançada diante de nós, um flash de luz, e  $\pi\alpha\rho\alpha\beta\omicron\lambda\omicron\nu$  é uma coisa acrescida, cuja base é colateral, e é uma coisa que busca ser lançada simultaneamente, um presente pré-nupcial [*ante-nuptial gift*]. É usualmente dito que na palavra símbolo a disposição conjunta é para ser entendida no sentido da conjectura, mas naquele caso, nós devemos conceber que algumas vezes, ao menos, ela significava uma conjectura, um significado a ser consultado em vão pelo viés da literatura. Mas os gregos usaram "lançada simultaneamente" ( $\sigma\mu\beta\alpha\lambda\lambda\epsilon\iota\nu$ ) muito freqüentemente para significar a execução de um contrato ou de convenção. Agora, nós encontramos o símbolo ( $\sigma\mu\beta\omicron\lambda\omicron\nu$ ) cedo e várias vezes usado para significar uma convenção ou contrato. Aristóteles denomina um nome como um "símbolo"<sup>4</sup>. Na Grécia<sup>5</sup>, fogueira de guarda é um "símbolo", isto é, um sinal aceito, uma música padrão ou bandeira é um "símbolo", um lema de um partido é um "símbolo", um emblema é um "símbolo", a crença na igreja é chamada de símbolo, porque serve como um emblema ou senha, um ingresso de teatro é chamado de "símbolo", qualquer ingresso ou cheque dado a quem o receba é um "símbolo". Além disso, qualquer expressão de sentimento era denominada "símbolo". Esse foi o principal significado da palavra na linguagem original. O leitor irá julgar se eles são suficientes para estabelecer minha proposta e que eu não estou seriamente preocupado com o uso da palavra como pretendo empregá-la.

Qualquer palavra comum como "sacrifício" [*give*], "pássaro", "casamento" é um

exemplo de um símbolo. É aplicável a algo que puder ser encontrado no entendimento da idéia conectada à palavra, aquelas coisas não são reconhecidas nelas mesmas. Não nos mostra um pássaro, nem faz ante nossos olhos um sacrifício ou um casamento, mas suponha que somos capazes de imaginar aquelas coisas e conceber as palavras associadas a elas.

7. Uma progressão regular do um, dois, três pode ser repetida em três classes de signos. Semelhança, Índice, Símbolo. A semelhança não tem conexão dinâmica com o objeto que ela representa, simplesmente acontece que suas qualidades se assemelham àquelas do objeto e excitam sensações análogas na mente para a qual ela é uma semelhança. No entanto, ela realmente está desconectada delas [entenda-se qualidades e sensações]. O índice está fisicamente conectado com seu objeto, eles fazem um par orgânico. Mas a mente interpretadora nada faz com essa conexão, exceto dizê-la, depois de estabelecida. O símbolo é conectado com seu objeto em virtude da idéia do uso simbólico da mente [*symbol-using*], sem a qual nenhuma conexão existiria.

Toda força física reage entre um par de partículas, também pode servir como um índice. De outro modo, nós devemos conceber que toda operação intelectual envolve uma tríade de símbolos.

8. Um símbolo, como é visto, não pode indicar nada em particular, ele denota um tipo de coisa. Não somente aquilo, mas ele é ele mesmo um tipo e não uma coisa singular. Você pode escrever a palavra "estrela", mas aquilo não o faz o criador do mundo, nem se você a apagasse teria destruído a palavra. A palavra vive nas mentes daqueles que a usam. Mesmo se eles todos estiverem não conscientes, ela existe em suas memórias. Então, nós podemos admitir, se houver razão para tanto, que gerais são meras palavras sem ao todo dizer, como Ockham supôs<sup>6</sup>, que elas são realmente individuais.

Símbolos crescem. Eles têm existência pelo desenvolvimento externo de outros signos, particularmente de semelhança ou de signos misturados, participando da natureza das semelhanças e dos símbolos. Nós pensamos somente por signos. Esses signos mentais são de natureza mista, a parte simbólica deles são os conceitos. Se um homem forma um novo símbolo é por pensamentos envolvendo conceitos. Então, é somente fora dos símbolos que um

novo símbolo pode crescer. *Omne symbolum de symbolo*<sup>7</sup>. Um símbolo, uma vez existente, é comunicado entre as pessoas. Em uso e em experiência seu significado cresce. Tais palavras 'força, lei, recursos, casamento', produzem em nós muitos significados diferentes daqueles produzidos por nossos ancestrais bárbaros. O símbolo pode, com a Emerson's sphynx<sup>8</sup> dizer aos homens:

*Do teu olho sou a piscadela.*



9. Em todo raciocínio, temos que usar uma mistura de semelhança, índices e símbolos. Não podemos dispensar qualquer um deles. O todo complexo pode ser chamado de símbolo e para sua simbolização o caráter vivo é o que prevalece. Uma metáfora que nem sempre é menosprezada: um homem é composto de células vivas, agora, parte de suas unhas, dente, cabelos e ossos, que são necessários a ele, passam pelo [*ceased to undergo*] processo metabólico que constitui vida, e há líquidos em seu corpo que não estão vivos. Agora, podemos aproximar os índices que usamos no raciocínio das partes complexas do corpo e a semelhança do sangue: aquele que nos dá forças para viver as realidades, os outros com suas rápidas mudanças providenciam os nutrientes para a principal matéria [corpo] do pensamento [*body of thought*].

Suponha um homem no sentido seguinte. A Bíblia diz que Enoch e Elijah foram levados ao paraíso, então, também a Bíblia erra, ou não é estritamente verdade que todo homem é mortal. O que é a Bíblia e o que a história do mundo dos homens é, ou o que esse raciocínio relata, deve ser mostrado

por índices. O pensador faz uma espécie de diagrama mental pelo qual ele vê que sua conclusão alternativa deve ser verdadeira, se a premissa o for, e esse diagrama é um ícone ou semelhança. O resto é símbolo e o todo pode ser considerado como um símbolo modificado. Isso não é uma coisa morta ou estanque, mas leva a mente de um ponto a outro. A arte do raciocínio é a arte de organizar tais signos e de obter conhecimento rumo à verdade.

## Notas

<sup>1</sup> Números por seção, que no manuscrito começa com §31, aqui começa com §1, o primeiro capítulo do livro projetado por Peirce não está incluso.

<sup>2</sup> Livro II de Jonathan Swift's *Gulliver's Travels* se embasa sobre um mapa imaginário de Brobdingnag em conjunto com um mapa do North American Pacific coast.

<sup>3</sup> Peirce escreveu "signos" em vez de "índices" um erro considerando contexto que o precede. Em alguns mais recentes escritos, todavia, há referência de índices como "signos" (ver EP1:7).

<sup>4</sup> De interpretatione, II.16a.12.

<sup>5</sup> Peirce escreveu "in Greek" e não "in Greece" porque ele está trabalhando em uma lista de traduções alternativas do Liddell and Scott's Greek-English Lexicon under the entry .

<sup>6</sup> Cf. William of Ockham's *Summa totius logicae*, part i, ch. 14.

<sup>7</sup> "Every symbol follows from a symbol." "Todo símbolo se segue de um símbolo".

<sup>8</sup> Peirce muitas vezes cita esse verso do fourteenth stanza of Emerson's poem "The Sphinx" (Dial, Jan. 1841).

## What is a sign? (1894)

Charles Sanders Peirce

Written: 1894;

Source: <http://www.iupui.edu/%7Epeirce/web/ep/ep2/ep2book/ch02/ep2ch2.htm>.

§1. This is a most necessary question, since all reasoning is an interpretation of signs of some kind. But it is also a very difficult question, calling for deep reflection. (1)

It is necessary to recognise three different states of mind. First, imagine a person in a dreamy state. Let us suppose he is thinking of nothing but a red colour. Not thinking about it, either, that is, not asking nor answering any questions about it, not even saying to himself that it pleases him, but just contemplating it, as his fancy brings it up. Perhaps, when he gets tired of the red, he will change it to some other colour, – say a turquoise blue, – or a rose-colour; – but if he does so, it will be in the play of fancy without any reason

and without any compulsion. This is about as near as may be to a state of mind in which something is present, without compulsion and without reason; it is called Feeling. Except in a half-waking hour, nobody really is in a state of feeling, pure and simple. But whenever we are awake, something is present to the mind, and what is present, without reference to any compulsion or reason, is feeling.

Second, imagine our dreamer suddenly to hear a loud and prolonged steam whistle. At the instant it begins, he is startled. He instinctively tries to get away; his hands go to his ears. It is not so much that it is displeasing, but it forces itself so upon him. The instinctive resistance is a necessary part of it: the man would not be sensible his will was borne down, if he had no self-assertion to be borne down. It is the same when we exert ourselves against outer resistance; except for that resistance we should not have anything upon which to exercise strength. This sense of acting and of being acted upon, which is our sense of the reality of things, – both of outward things and of ourselves, – may be called the sense of Reaction. It does not reside in any one Feeling; it comes upon the breaking of one feeling by another feeling. It essentially involves two things acting upon one another.

Third, let us imagine that our now-awakened dreamer, unable to shut out the piercing sound, jumps up and seeks to make his escape by the door, which we will suppose had been blown to with a bang just as the whistle commenced. But the instant our man opens the door let us say the whistle ceases. Much relieved, he thinks he will return to his seat, and so shuts the door, again. No sooner, however, has he done so than the whistle recommences. He asks himself whether the shutting of the door had anything to do with it; and once more opens the mysterious portal. As he opens it, the sound ceases. He is now in a third state of mind: he is Thinking. That is, he is aware of learning, or of going through a process by which a phenomenon is found to be governed by a rule, or has a general knowable

way of behaving. He finds that one action is the means, or middle, for bringing about another result. This third state of mind is entirely different from the other two. In the second there was only a sense of brute force; now there is a sense of government by a general rule. In Reaction only two things are involved; but in government there is a third thing which is a means to an end. The very word means signifies something which is in the middle between two others. Moreover, this third state of mind, or Thought, is a sense of learning, and learning is the means by which we pass from ignorance to knowledge. As the most rudimentary sense of Reaction involves two states of Feeling, so it will be found that the most rudimentary Thought involves three states of Feeling.

As we advance into the subject, these ideas, which seem hazy at our first glimpse of them, will come to stand out more and more distinctly; and their great importance will also force itself upon our minds.

2. There are three kinds of interest we may take in a thing. First, we may have a primary interest in it for itself. Second, we may have a secondary interest in it, on account of its reactions with other things. Third, we may have a mediatory interest in it, in so far as it conveys to a mind an idea about a thing. In so far as it does this, it is a *sign*, or representation.

3. There are three kinds of signs. Firstly, there are *likenesses*, or icons; which serve to convey ideas of the things they represent simply by imitating them. Secondly, there are *indications*, or indices; which show something about things, on account of their being physically connected with them. Such is a guidepost, which points down the road to be taken, or a relative pronoun, which is placed just after the name of the thing intended to be denoted, or a vocative exclamation, as "Hi! there," which acts upon the nerves of the person addressed and forces his attention. Thirdly, there are *symbols*, or general signs, which have become associated with their meanings by usage. Such are most words, and phrases, and speeches, and books, and libraries.

Let us consider the various uses of these three kinds of signs more closely.

4. *Likenesses*. Photographs, especially instantaneous photographs, are very instructive, because we know that they are in certain respects exactly like the objects they represent. But this resemblance is due to the photographs having been

produced under such circumstances that they were physically forced to correspond point by point to nature. In that aspect, then, they belong to the second class of signs, those by physical connection. The case is different, if I surmise that zebras are likely to be obstinate, or otherwise disagreeable animals, because they seem to have a general resemblance to donkeys, and donkeys are self-willed. Here the donkey serves precisely as a probable likeness of the zebra. It is true we suppose that resemblance has a physical cause in heredity; but then, this hereditary affinity is itself only an inference from the likeness between the two animals, and we have not (as in the case of the photograph) any independent knowledge of the circumstances of the production of the two species. Another example of the use of a likeness is the design an artist draws of a statue, pictorial composition, architectural elevation, or piece of decoration, by the contemplation of which he can ascertain whether what he proposes will be beautiful and satisfactory. The question asked is thus answered almost with certainty because it relates to how the artist will himself be affected. The reasoning of mathematicians will be found to turn chiefly upon the use of likenesses, which are the very hinges of the gates of their science. The utility of likenesses to mathematicians consists in their suggesting, in a very precise way, new aspects of supposed states of things. For example, suppose we have a winding curve, with continual points where the curvature changes from clockwise to counter-clockwise and conversely as in figure 1. Let us further suppose that this curve is continued so that it crosses itself at every such point of reversed bending in another such point. The result appears in figure 2. It may be described as a number of ovals flattened together, as if by pressure. One would not perceive that the first description and the second were equivalent, without the figures. We shall find, when we get further into the subject, that all these different uses of likeness may be brought under one general formula.



In intercommunication, too, likenesses are quite indispensable. Imagine two men who know no common speech, thrown together remote from the rest of the race. They must communicate; but how are they to do so? By imitative sounds, by imitative gestures, and by pictures. These are three kinds of likenesses. It is true that they will also use other signs, finger-pointings, and the like. But, after all, the likenesses will be the only means of describing the qualities of the things and actions which they have in mind. Rudimentary language, when men first began to talk together, must have largely consisted either in directly imitative words, or in conventional names which they attached to pictures. The Egyptian language is an excessively rude one. It was, as far as we know, the earliest to be written; and the writing is all in pictures. Some of these pictures came to stand for sounds, – letters and syllables. But others stand directly for ideas. They are not nouns; they are not verbs; they are just pictorial ideas.

5. *Indications.* But pictures alone, – pure likenesses, – can never convey the slightest information. Thus, figure 3 suggests a wheel. But it leaves the spectator uncertain whether it is a copy of something actually existing or a mere play of fancy. The same thing is true of general language and of all *symbols*. No combination of words (excluding proper nouns, and in the absence of gestures or other indicative concomitants of speech) can ever convey the slightest information. This may sound paradoxical; but the following imaginary little dialogue will show how true it is:

Two men, A and B, meet on a country road, when the following conversation ensues.

B. The owner of that house is the richest man in these parts.

A. What house?

B. Why do you not see a house to your right about seven kilometres distant, on a hill?

A. Yes, I think I can descry it.

B. Very well; that is the house.

Thus, A has acquired information. But if he walks to a distant village and says “the owner of a house is the richest man in those parts,” the remark will refer to nothing, unless he explains to his interlocutor how to proceed from where he is in order to find that district and that house. Without that, he does not indicate what he is talking about. To identify an object, we generally state its place at a stated time; and in every case must show how

an experience of it can be connected with the previous experience of the hearer. To state a time, we must reckon from a known epoch, – either the present moment, or the assumed birth of Christ, or something of the sort. When we say the epoch must be known, we mean it must be connected with the hearer’s experience. We also have to reckon in units of time; and there is no way of making known what unit we propose to use except by appealing to the hearer’s experience. So no place can be described, except relatively to some known place; and the unit of distance used must be defined by reference to some bar or other object which people can actually use directly or indirectly in measurement. It is true that a map is very useful in designating a place; and a map is a sort of picture. But unless the map carries a mark of a known locality, and the scale of miles, and the points of the compass, it no more shows where a place is than the map in Gulliver’s Travels shows the location of Brobdingnag. (2) It is true that if a new island were found, say, in the Arctic Seas, its location could be approximately shown on a map which should have no lettering, meridians, nor parallels; for the familiar outlines of Iceland, Nova Zemla, Greenland, etc., serve to indicate the position. In such a case, we should avail ourselves of our knowledge that there is no second place that any being on this earth is likely to make a map of which has outlines like those of the Arctic shores.

This experience of the world we live in renders the map something more than a mere icon and confers upon it the added characters of an index. Thus, it is true that one and the same sign may be at once a likeness and an indication. Still, the offices of these orders of signs are totally different. It may be objected that likenesses as much as indices (3) are founded on experience, that an image of red is meaningless to the colour blind, as is that of erotic passion to the child. But these are truly objections which help the distinction; for it is not experience, but the capacity for experience, which they show is requisite for a likeness; and this is requisite, not in order that the likeness should be interpreted, but in order that it should at all be presented to

the sense. Very different is the case of the inexperienced and the experienced person meeting the same man and noticing the same peculiarities, which to the experienced man indicate a whole history, but to the inexperienced reveal nothing.

Let us examine some examples of indications. I see a man with a rolling gait. This is a probable indication that he is a sailor. I see a bow-legged man in corduroys, gaiters, and a jacket. These are probable indications that he is a jockey or something of the sort. A weathercock indicates the direction of the wind. A sun-dial or a clock indicates the time of day. Geometricians mark letters against the different parts of their diagrams and then use those letters to indicate those parts. Letters are similarly used by lawyers and others. Thus, we may say: If A and B are married to one another and C is their child while D is brother of A, then D is uncle of C. Here A, B, C, and D fulfill the office of relative pronouns, but are more convenient since they require no special collocation of words. A rap on the door is an indication. Anything which focuses the attention is an indication. Anything which startles us is an indication, in so far as it marks the junction between two portions of experience. Thus a tremendous thunderbolt indicates that something considerable happened, though we may not know precisely what the event was. But it may be expected to connect itself with some other experience.

6. *Symbols.* The word symbol has so many meanings that it would be an injury to the language to add a new one. I do not think that the signification I attach to it, that of a conventional sign, or one depending upon habit (acquired or inborn), is so much a new meaning as a return to the original meaning. Etymologically, it should mean a thing thrown together, just as is a thing thrown into something, a bolt, and is a thing thrown besides, collateral security, and is a thing thrown underneath, an antenuptial gift. It is usually said that in the word symbol, the throwing together is to be understood in the sense of to conjecture; but were that the case, we ought to find that sometimes, at least, it meant a conjecture, a meaning for which literature may be searched in vain. But the Greeks used "throw together" very frequently to signify the making of a contract or convention. Now, we do find symbol early and often used to mean a convention or contract. Aristotle calls a noun a "symbol," that is, a conventional sign.<sup>(4)</sup> In Greek, <sup>(5)</sup> a watch-fire is a "symbol," that is, a signal agreed upon; a standard or ensign is a "symbol," a watch-word is a "symbol," a badge is a "symbol"; a church creed is called a symbol,

because it serves as a badge or shibboleth; a theatre-ticket is called a "symbol"; any ticket or check entitling one to receive anything is a "symbol." Moreover, any expression of sentiment was called a "symbol." Such were the principal meanings of the word in the original language. The reader will judge whether they suffice to establish my claim that I am not seriously wrenching the word in employing it as I propose to do.

Any ordinary word, as "give," "bird," "marriage," is an example of a symbol. *It is applicable to whatever may be found to realise the idea connected with the word;* it does not, in itself, identify those things. It does not show us a bird, nor enact before our eyes a giving or a marriage, but supposes that we are able to imagine those things, and have associated the word with them.

7. A regular progression of one, two, three may be remarked in the three orders of signs, Likeness, Index, Symbol. The likeness has no dynamical connection with the object it represents; it simply happens that its qualities resemble those of that object, and excite analogous sensations in the mind for which it is a likeness. But it really stands unconnected with them. The index is physically connected with its object; they make an organic pair. But the interpreting mind has nothing to do with this connection, except remarking it, after it is established. The symbol is connected with its object by virtue of the idea of the symbol-using mind, without which no such connection would exist.

Every physical force reacts between a pair of particles, either of which may serve as an index of the other. On the other hand, we shall find that every intellectual operation involves a triad of symbols.

8. A symbol, as we have seen, cannot indicate any particular thing; it denotes a kind of thing. Not only that, but it is itself a kind and not a single thing. You can write down the word "star"; but that does not make you the creator of the word, nor if you erase it have you destroyed the word. The word lives in the minds of those who

use it. Even if they are all asleep, it exists in their memory. So we may admit, if there be reason to do so, that generals are mere words without at all saying, as Ockham supposed, (6) that they are really individuals.

Symbols grow. They come into being by development out of other signs, particularly from likenesses or from mixed signs partaking of the nature of likenesses and symbols. We think only in signs. These mental signs are of mixed nature; the symbol-parts of them are called concepts. If a man makes a new symbol, it is by thoughts involving concepts. So it is only out of symbols that a new symbol can grow. *Omne symbolum de symbolo.* (7) A symbol, once in being, spreads among the peoples. In use and in experience, its meaning grows. Such words as force, law, wealth, marriage, bear for us very different meanings from those they bore to our barbarous ancestors. The symbol may, with Emerson's sphynx, (8) say to man,  
Of thine eye I am eyebeam.

9. In all reasoning, we have to use a mixture of likenesses, indices, and symbols. We cannot dispense with any of them. The complex whole may be called a symbol; for its symbolic, living character is the prevailing one. A metaphor is not always to be despised: though a man may be said to be composed of living tissues, yet portions of his nails, teeth, hair, and bones, which are most necessary to him, have ceased to undergo the metabolic processes which constitute life, and there are liquids in his body which are not alive. Now, we may liken the indices we use in reasoning to the hard parts of the body, and the likenesses we use to the blood: the one holds us stiffly up to the realities, the other with its swift changes supplies the nutriment for the main body of thought.

Suppose a man to reason as follows: The Bible says that Enoch and Elijah were caught up into heaven; then, either the Bible errs, or else it is not strictly true that all men are mortal. What the Bible is, and what the historic world of men is, to which this reasoning relates, must be shown by indices. The reasoner makes some sort of mental diagram by which he sees that his alternative conclusion must be true, if the premise is so; and this diagram is an icon or likeness. The rest is symbols; and the whole may be considered as a modified symbol. It is not a dead thing, but carries the mind from one point to another. The art of reasoning is the art of marshalling such signs, and of finding out the truth.

## Notes

<sup>1</sup>Section numbers, which in the manuscript begin with §31, here begin with §1, since the first chapter of Peirce's projected book is not included.

<sup>2</sup>Book II of Jonathan Swift's *Gulliver's Travels* opens on a fanciful map of Brobdingnag merged into a map of the North American Pacific coast.

<sup>3</sup>Peirce wrote "signs" instead of "indices," a mistake given the preceding context. Some early writings, however, do refer to indices as "signs" (see EP1:7).

<sup>4</sup>*De interpretatione*, II.16a.12.

<sup>5</sup>Peirce wrote "in Greek" rather than "in Greece" because he is working through the list of alternative translations provided by Liddell and Scott's *Greek-English Lexicon* under the entry.

<sup>6</sup>Cf. William of Ockham's *Summa totius logicae*, part i, ch. 14.

<sup>7</sup>"Every symbol follows from a symbol."

<sup>8</sup>Peirce often quotes this verse from the fourteenth stanza of Emerson's poem "The Sphinx" (*Dial*, Jan. 1841).

Ana Maria Guimarães Jorge

Professora de Teoria da Comunicação na FACOM-FAAP. Também é professora no IED-SP. Diretora executiva do Centro Internacional de Estudos Peirceanos (CIEP – PUC/SP) e Coordenadora do Grupo de Estudos em Filosofia da Mente do CIEP. Autora do livro *Topologia da Ação Mental - Introdução à Teoria da Mente* (Annablume - apoio FAPESP).